



# À SOMBRA DA ÁGUA

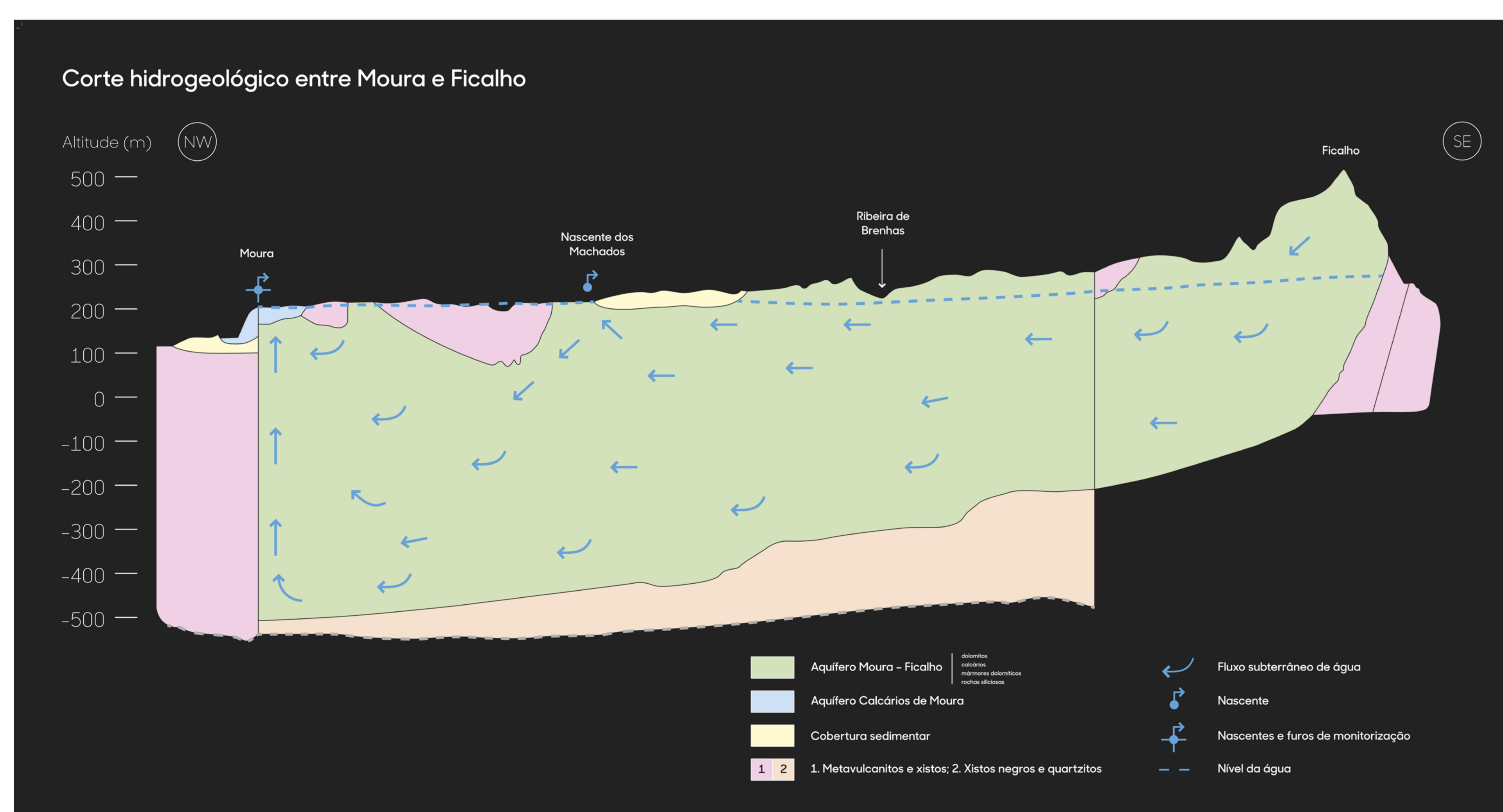
A história de Moura começa no castelo. O cerro mais alto da cidade proporcionava uma sólida posição defensiva. Os férteis terrenos à sua volta e a abundância de água permitiram que a cidade crescesse e prosperasse. Em épocas recuadas não se conhecia ainda a explicação científica para tal abundância. Não se sabia que uma falha geológica e um caudal subterrâneo eram a causa do fenómeno.

As Memórias Paroquiais de 1758 sublinham bem esse facto, ao referir que «entre as innumeráveis [fontes] que há dentro e fora da villa, he mais célebre a que rebenta no interior do castello (...). Não se sabe a sua origem, mas he tam célebre que secando-se muytos annos os outros aqueductos da villa sem excepção, e quantas dellas imanam nunca experimentarão em suas ágoas deminuição levíssima».



CASTELO DE MOURA E BAIRRO DA MOURARIA, VISTA AÉREA.

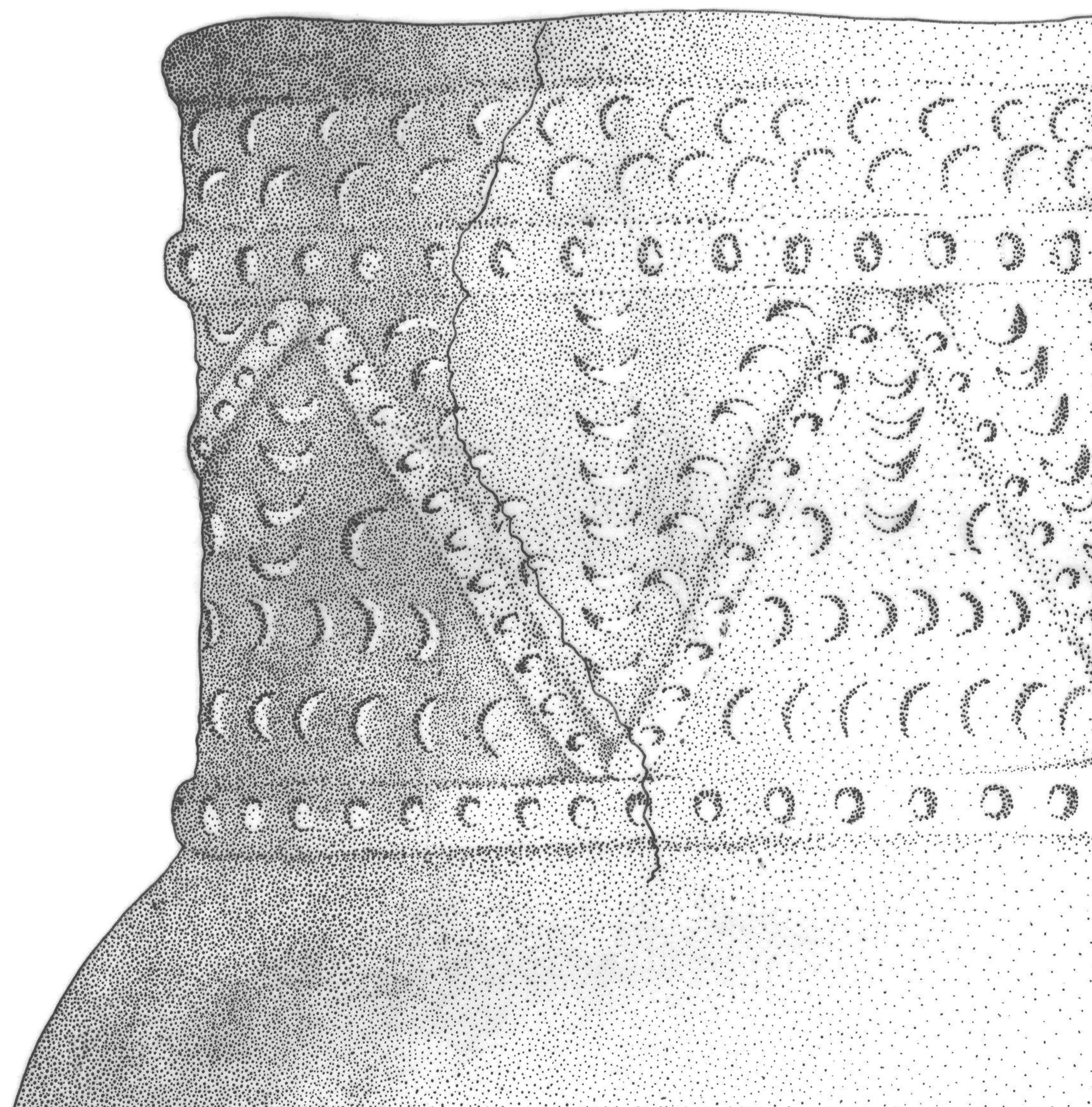
VERSÃO SIMPLIFICADA A PARTIR DE ESTUDO DE AUGUSTO M. COSTA.  
O AQUIFERO MOURA-FICALHO É O PRINCIPAL E MAIS EXTENSO DA REGIÃO, COM CERCA DE 170 km<sup>2</sup>.



A IMAGEM DE UMA MULHER ORIENTAL, POPULARMENTE DESIGNADA COMO «A SANTA», É O PONTO CENTRAL DESTA BICA.



FORTE DAS TRÊS BICAS, CONSTRUÇÃO DO INÍCIO DO SÉCULO XIX.







# POÇOS MEDIEVAIS

Os bocais de poço em exposição nesta casa têm origem nos do período islâmico. Dois deles pertenciam a habitações e foram encontrados no local de utilização. O outro foi encontrado durante a realização de trabalhos arqueológicos. Os motivos decorativos deste último, de tradição antiga (alguns são semelhantes aos que encontramos em peças dos séculos IV-III a.C.) foram gravados com uma estampilha de madeira.

Estes três bocais datam dos séculos XIV-XV. Tratam-se, provavelmente, de peças de fabrico local. Podem também ser provenientes de olarias andaluzas. A importação de cerâmica era comum neste período. Foram encontrados em Moura materiais de fabrico granadino e valenciano, com datação entre os séculos XII e XIV.

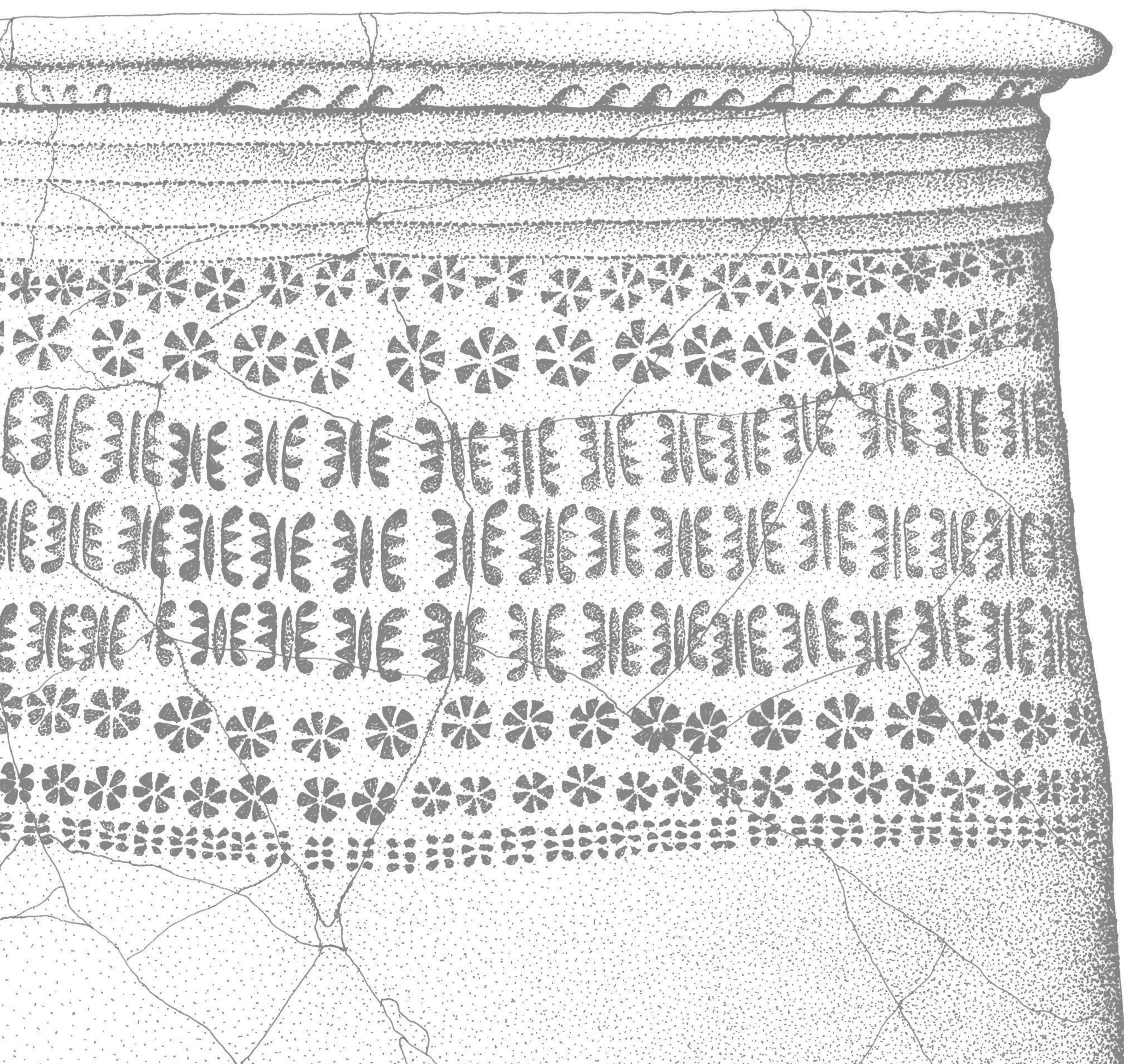
Há paralelos conhecidos para os poços de Moura em Córdoba, em Sevilha e num museu em Buenos Aires.



1 - LOCALIZAÇÃO PROVÁVEL DA MESQUITA DA MOURARIA  
2-4 - BOCAL DE POÇO



O CASTELO E PARTE DO CENTRO HISTÓRICO DE MOURA, NA PLANTA DE NICOLAU DE LANGRES (1657). IDENTIFICA-SE A MOURARIA ATUAL (VERDE) E A PARTE DO BAIRRO DEMOLIDA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVII (ROSA).







# ABASTECIMENTO E CONSUMO

Sem água, o cerro do castelo seria igual a tantos outros no interior alentejano. Foi a sua presença que, justificadamente, fez crescer e prosperar uma cidade. Foi essa água que, entre poços, nascentes e fontanários, deu de beber aos mourenses.

O abastecimento tornou-se matéria complexa e sofisticada. Hoje são 82 quilómetros de condutas, 1 840 285 m<sup>3</sup> de água consumida, quase 10 000 consumidores em todo o concelho. Em cada ano, a autarquia paga pelo serviço de abastecimento de água 1 000 000 de euros. Números que impressionam e que refletem a resposta a uma necessidade e a um direito. A totalidade dos habitantes do concelho de Moura tem acesso permanente a água potável, uma conquista ainda recente. É essa conquista da água enquanto bem público que se pretende perpetuar.



A ÁGUA É UM BEM PÚBLICO.



COPO.



CAPTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA,  
NASCENTE DA FONTE DA TELHA



FONTANÁRIO PÚBLICO.

